

Livro:



CASA DE BONECOS

10 ANOS DO TEATRO DA CIA. ARTICULARTE

Dario Uzam e Surley Valério

LIVRO REPORTAGEM POR
Mônica Rodrigues da Costa e Lidia Chaib

Em 2009 a Cia. Articularte completou dez anos de atividades teatrais, em cartaz itinerante, com seus oito espetáculos dirigidos ao público infanto-juvenil, realizando, principalmente, técnicas do teatro de bonecos e formas animadas. No mesmo ano, o projeto Casa de Bonecos – 10 anos de Articularte foi premiado pela Secretaria da Cultura do Município de São Paulo, ao ser contemplado pelo Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo de 2009.

O Teatro Garagem, parte integrante desse projeto, emocionou os participantes e proporcionou um registro de causos e histórias de moradores da zona oeste da capital paulista.

Este livro também é parte integrante do projeto Casa de Bonecos.

CASA DE BONECOS - 10 ANOS DO TEATRO DA CIA ARTICULARTE - Dario Uzam e Surley Valério
livro reportagem por Mônica Rodrigues da Costa e Lidia Chaib

PROGRAMA MUNICIPAL DE FOMENTO AO TEATRO

Este livro foi inteiramente patrocinado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo

SÃO PAULO

COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO

10 Anos do Teatro da Cia. Articularte

Autores: Monica Rodrigues da Costa e Lidia Chaib

Capítulo 3

O Trenzinho Villa-Lobos

“Peça dinâmica lembra Villa-Lobos”, é o título do texto abaixo, que a jornalista Mônica Rodrigues da Costa escreveu para o “Guia”, da *Folha de S. Paulo*, em 22/junho/2001, “O Trenzinho Villa-Lobos” é um espetáculo de bonecos dinâmico, com diversidade de cenas e agilidade de manipulação dos bonecos, que são movimentados baseados na técnica japonesa bunraku – são

cinco manipuladores, um para a cabeça do boneco e outros para pernas, braços e acessórios dos personagens. O enredo recria momentos da infância do compositor que dá título à peça. Nela, o nome do protagonista é o apelido de infância de Heitor Villa-Lobos, *Tuhu*, garoto fantasioso que desafia os pais com travessuras e por isso fica de castigo algumas vezes. Uma das desobediências de *Tuhu* é pegar escondido o instrumento musical do pai para aprender música sozinho.

Como o pai é rígido na educação do filho, *Tuhu* simboliza seu medo por ele numa maria-fumaça, mas acaba havendo uma solução razoável para o conflito, pois *Tuhu* e sua família se mudam para Minas Gerais num veículo desses, e o menino perde o medo.

A música ao vivo (violão, violoncelo e clarinete), de Villa-Lobos, acompanha as peripécias do futuro grande músico brasileiro. A relação dos personagens com a música integra os momentos mais criativos e interessantes do espetáculo.”

O trenzinho Villa-Lobos inicia com um breve barulho de locomotiva, e *Tuhu*, o protagonista, aparece empinando uma pipa, dançando ao ritmo da composição *Bachianas Brasileiras n.1 – I Introdução (Embolada)*, de Heitor Villa-Lobos. Quando a música se torna mais forte, o menino fica com dificuldade para segurar a pipa. A maria-fumaça passa, e a linha se parte. *Tuhu* grita chamando a mãe. Ele tem medo do trem. A mãe o acalma ao som dos acordes iniciais de *O Trenzinho do Caipira*.

Para a dramaturgia da peça, o autor e diretor Dario Uzam pautou-se na biografia do maestro, principalmente na infância, “que, por si só, indicava diversos níveis de ação e peripécias, e, o melhor, ação na ótica infantil – que não acontece de forma linear. Dá voltas, apresenta sempre reações imprevistas, saltos múltiplos, pulos e tombos, brincadeiras, fugas e enfrentamentos. Assim, o espetáculo conta as aventuras do menino Heitor Villa-Lobos, que ganhou o apelido de *Tuhu* por gostar de imitar os sons

engraçados e esquisitos da vida, com ritmos e timbres, principalmente de locomotivas”. Tuhu também significa ‘labareda’, em tupi.

O jornalista Marcelo Coelho, na “Ilustrada”, da *Folha de S. Paulo*, em 3/3/2007, comentou o fato de *O trenzinho Villa-Lobos* mostrar a infância do compositor: “Uma coisa simpática da peça é evitar a mística da ‘genialidade’, tão comum em biografias de todo tipo. O menino Tuhu (este o apelido do compositor, que se amedrontava com trens e era fascinado por eles) não prefigura o futuro gênio musical; é uma criança como qualquer outra de seu tempo, empinando papagaio e fazendo travessuras. Não está determinado desde o início da peça que ele tenha um talento fora do comum. As músicas de Villa-Lobos aparecem, entretanto, sem parar, com grande efeito emocional”.

Além do trenzinho, a dramaturgia apresenta elementos que aparecem na obra de Villa-Lobos, como folclore, natureza, e, em especial, os pássaros. Na cena, por exemplo, em que Tuhu brinca com a personagem Arara e a defende de pedradas de outros moleques, ou na que conversa com o Uirapuru. Nesse momento, ouvem-se as músicas *Choro nº 2 para Flauta e Clarinete* e *Uirapuru*, de Villa-Lobos, e percebe-se como o maestro incorporou cantos de pássaros nativos ao seu trabalho, além de fazer o aproveitamento do material melódico do folclore brasileiro.

Quando, na peça, Tuhu revida e joga uma pedra de volta nos moleques, acerta, sem querer, o próprio pai, que lhe dá o castigo de ajoelhar no milho e cantar a escala musical. No momento em que o pai sai de cena, aparece uma galinha que come o milho, e o menino sai a brincar com seu cachorrinho. O personagem do pai causa forte impressão no público, o boneco é amedrontador, e o fundo musical grave, da cena, favorece esse temor, quando é tocado o *Estudo n.1* (série de 12 estudos para violão), de Villa-Lobos. “Criamos um personagem severo, que está dividido em cabeça, livro-tronco, mãos soltas do corpo e pés também soltos. O boneco não tem corpo. Então temos que animá-lo de acordo com uma coluna vertebral invisível. Resultou num boneco suave e severo. E, quanto à voz, sempre orientamos ao ator-

manipulador para que seja grave, mas com tom aveludado. Afinal, é um adulto, um tutor, é o pai do protagonista”, explicou Dario Uzam, o diretor do espetáculo. Esse boneco ficou sendo um dos preferidos do acervo, entre os 200 bonecos da Cia. Articularte.

Tuhu joga divertidamente com o cachorrinho, boneco que ora é uma bola, ora um cachorro. Ele acompanha o menino nas travessuras – quando pega escondido a viola do pai para tocar e a deixa cair no chão. O pai surpreende o filho, toma a viola de volta. Dessa vez não o castiga, mas enfatiza que Tuhu não deve parar de estudar música. Na peça, o menino tem medo do pai e o público também. Na biografia do compositor, o pai dele, Raul Villa-Lobos, era funcionário público e gostava de tocar violoncelo e clarineta. Deu ao filho a primeira educação musical e, diversas vezes, quando participava de reuniões com amigos nordestinos cantadores e seresteiros, fazia-se acompanhar do pequeno Tuhu. Também a casa da família Villa-Lobos recebia os amigos músicos pelo menos duas vezes por semana, desse modo, o pequeno Heitor viveu em ambiente musical.

Na peça, a mãe de Villa-Lobos, boneca que tem a estrutura de um violoncelo desenhado, desde a cabeça até o final do vestido, é uma personagem mais real. Avisa ao filho que a família viajará de mudança para Minas Gerais na maria-fumaça, mas não lhe provoca temor. Na biografia do músico, sua mãe, dona Noêmia Monteiro Villa-Lobos, queria que o filho fizesse medicina e chegou a proibi-lo de estudar piano. Ficou viúva cedo e teve de trabalhar duro, passando e engomando roupa, para sustentar a família. Dario contou: “No espetáculo *O Trenzinho Villa-Lobos*, além da voz severa e aveludada do pai, sugerimos para a mãe vozes com particularidades ternas e domésticas, guardando tons reservados, porque se trata de peça de época, entre o século retrasado e o passado”.

Outro personagem da peça e da vida do compositor é tia Zizinha, que apresentou para o sobrinho *Cravo Bem Temperado* e outras músicas do compositor alemão do período barroco Johann Sebastian Bach (1685-1750),

que explorou ao máximo, com brilhantismo e inventividade, as possibilidades da música tonal. De 1930 a 1945, o maestro Villa-Lobos passou por uma fase chamada de neo-barroca, na qual compôs as *Bachianas Brasileiras*, cuja principal característica é a mistura das relações tonais e das fórmulas de composições barrocas com a instrumentação, com a variedade e com a cor instrumental moderna, incluindo elementos de pesquisa melódico-temática do folclore nacional. *O Trenzinho do Caipira* é parte integrante das *Bachianas Brasileiras nº 2* e os instrumentos da orquestra imitam os movimentos de uma locomotiva. No espetáculo, tia Zizinha é uma boneca animada, gosta de dançar e tem um teclado de piano aplicado em todo o decote do vestido, “mostrando que é uma personagem que vive de música. A voz da Tia Zizinha é adulta, mas exagerada, com pequenas explosões, sempre ressaltadas com pequenos sustos ou descobertas”. Ela entra em cena como que para se despedir, antes da viagem da família Villa-Lobos para Minas Gerais.

Durante a viagem de trem, a trilha sonora da peça tem parte das *Bachianas Brasileiras No. 2 - II. Aria (O Canto da Nossa Terra)*, de Villa-Lobos, momento em que o menino olha pela janela da maria-fumaça, impressionado com a beleza da paisagem. É também um instante de aproximação familiar e no qual a mãe canta para o filho *Melodia Sentimental*, de Villa-Lobos, com letra da poeta, musicista e diplomata brasileira Dora Vasconcelos, com as vozes em uníssono das atrizes-manipuladoras.

Ao chegar ao novo lar, Tuhu sai para explorar o quintal, conversa com Uirapuru e se perde na mata - nesse momento é executado um trecho da obra *Uirapuru*, de Villa-Lobos. A mãe acha o menino e o leva para casa. O pequeno Heitor a acompanha com medo, pois sabe que receberá um castigo do pai. Raul manda o filho ler a história da música e o amarra ao pé da mesa para que não fuja. Ironicamente, o livro que tem a história da música é o que faz parte do corpo do boneco pai. O menino se encanta e mergulha na leitura ao som de acordes iniciais da obra *Floresta Amazônica*, de Heitor Villa-Lobos. E agora? Será um sonho? A maria-fumaça aparece gigantesca e feroz como um dragão, ou “trem de fogo”, para assustá-lo. A locomotiva desaparece com o

cão-bolinha. Apavorado, Tuhu foge e acha uma passagem secreta. Encontra uma pequena personagem alada, a Solasi, boneca-fadinha que revela que Tuhu está no mundo da música e que o menino precisa seguir sozinho à procura do cachorrinho. A fadinha Solasi foi construída com tecido e enchimento de algodão e costura de três pequenas hastes para que pudesse realizar movimentos alados e suaves, representando o espírito musical, ou musa.

Tuhu encontra-se também com Chico, boneco formado apenas de pés, descанços, viola e chapéu, mas que os atores-manipuladores enchem de vida em coreografia inventiva, que dialoga com a gramática transdisciplinar da arte modernista ao realizar no ar a construção paulatina – metonímica – do personagem. Como outro boneco no mesmo estilo, vazado, somente com cabeça, braços e pernas soltos, o Mineiro. Ele é construído à vista do espectador e é também um boneco músico, “que coloca melodia e ritmo em praticamente tudo que faz e diz”, conta Uzam. O Mineiro aparece para Tuhu tocando o *Prelúdio Nº 3*, de Villa-Lobos, e os dois fazem um desafio de rimas. “As vozes do Chico e do Mineiro lembram o timbre fino e o sotaque das pessoas do interior de Minas Gerais”, falou Dario Uzam. Chico e Mineiro foram esculpido na própria espuma e pintados: são cabeças, pés com canelas e mãos que seguram instrumentos.

Ao sair de cena, o Mineiro deixa a clarineta. Tuhu acha que é o instrumento do pai, pega e começa a tocar *A lenda do caboclo*, de Villa-Lobos. Mas, ameaçadora, a maria-fumaça, chamada por Tuhu de “trem de fogo”, reaparece. O menino se apavora. Solasi entra em cena e o orienta a continuar tocando. Tuhu toca a clarineta e a sua música é a arma que vence o medo. Tuhu encontra então o seu cãozinho e, seguindo o caminho da música e o som do poema “Trem de Ferro”, de Manuel Bandeira, consegue voltar para casa.

Entra o pai, que examina o caderno do menino. Quer ver se o filho fez a lição. Para surpresa do próprio Tuhu, a lição está pronta, perfeita. Como recompensa, Raul oferece um presente para o filho: uma viola para tocar

como se fosse violoncelo. Isso de fato aconteceu. Heitor Villa-Lobos tinha seis anos quando o pai lhe fez a surpresa que o marcou definitivamente, mandando adaptar uma viola para que o menino iniciasse os estudos de violoncelo. Aos 12 anos, Heitor Villa-Lobos ficou órfão de pai. O violoncelo e o clarinete, instrumentos que Raul tocava, o maestro aprendeu a executar com perfeição. Com essa idade, começou a tocar violoncelo nos cafés e restaurantes da capital carioca e, paralelamente, iniciou os estudos violonísticos ao frequentar as rodas de choro da cidade.

Na peça, Tuhu fica maravilhado com o presente e começa a tocar *Saltando como um Saci (Allegro - Quarteto de Cordas n.1)*, de Villa-Lobos, que logo se mistura aos primeiros acordes de *O Trenzinho do Caipira* que toca até o final do espetáculo, quando os atores cantam suavemente a música, com letra de Ferreira Gullar.

As vozes das animações

Os personagens mereceram um trabalho de voz detalhado, conforme explicou Dario. “A voz do boneco cachorro que se transforma em bola precisava ser equilibrada, não muito alta, para que não perdesse o humor e a comunicação com as crianças. A voz do Uirapuru, que hoje é feita por dois atores ao mesmo tempo, queríamos que tivesse um tom estranho e lúdico, pois se trata de um pássaro mítico. A voz de Tuhu, Heitor, sempre foi feita por uma atriz para mostrar ingenuidade e também curiosidade e enfrentamento. A voz da fada Solasi, que é feminina, sugere tom ligeiramente cantado. A Arara tem voz esganiçada e divertida, imitando um pouco tons de papagaio, maritaca e seus primos falantes. Diante de tanta musicalidade, trabalhamos para mostrar ao público infantil diversas sonoridades”.

Manipulação, criação e confecção dos bonecos

Em *O trenzinho Villa-Lobos*, os bonecos são manipulados de corpo inteiro, com técnica direta. São cinco manipuladores, com dois ou três

manipuladores/atores animando cada boneco. “Há variados recursos, como um manipulador animar o personagem Uirapuru e o outro fazer uma segunda voz simultaneamente, como ressonância ou eco para indicarmos efeito misterioso, na cena, uma vez que o pássaro Uirapuru é miticamente ligado à boa sorte de quem o vê”, disse Dario.

Os bonecos foram desenhados e confeccionados por Surley Valério, com assistência de produção da Cia. Articularte. Ela disse que a primeira ideia era que todos tivessem corpos de instrumentos musicais. “O primeiro protótipo de Tuhu tinha cabeça em forma de nota musical (semicolcheia) com os colchetes aparecendo como cabelos. Decidimos então que todos os que contracenam com o Tuhu tivessem, ao olhar do menino, uma referência à música, fosse no figurino ou no físico”.

Surley contou que as cabeças dos bonecos foram feitas a partir de esculturas em argila “para depois vazar látex em moldes de gesso e espuma para os corpos dos bonecos. Personagens como o do Pai, Raul, por exemplo, não têm corpo, porque seguem o conceito de boneco musical, vazado, e com leveza de movimentos, como se fosse a própria música. Mãos e pés foram esculpido em espuma bruta e pintados e resistem até hoje”.

As duas personagens femininas não possuem pés e se movimentam arrastando graciosamente as longas saias, dando a sensação visual de terem pernas que o espectador não vê. O figurino é composto de partes de instrumentos musicais em E.V.A., aplicados como decote de teclas de piano ou chapéu de braço de violoncelo.

Sobre o cachorro Bolinha, disse Surley: “O personagem tem a característica de se transformar rapidamente em bola ou cachorro e foi construído sobre uma bola de futebol de pelúcia, e, depois de muitas experiências, a solução para sua transformação foi a mais simples e prática. De um lado, aparece só a bola e no lado oposto há um focinho, dois olhos de tampinhas de garrafa de plástico e orelhas. O perfil do cachorro é mantido em segredo. Sem patas, ele anda quicando, como uma bolinha”.

Surley Valério explicou que o boneco carregador de barris e Tuhu têm esqueleto construído de sarrafos de madeira “com a cabeça tirada em latex, e um pegador fixado na cabeça e nas costas, feitos de madeira bastão, do modo tradicional. Os barris são feitos de E.V.A. (borracha sintética), em miniatura, seguindo os moldes de um barril real”.

Já a Arara do começo da peça foi construída em espuma com penas de tecidos, costuradas uma a uma, como se fosse uma pele. A galinha também foi feita de espuma, com bico de E.V.A. e pés de arame rígido, forrado com barbante e penas de tecidos. O Uirapuru foi feito de forma semelhante à galinha. Como é especial, tem penas de ave coladas, acompanhado de dois pedaços de marabu, como se fosse um elemento mágico e voador acompanhando sempre o boneco. Quanto à Fadinha Solasi, foi construída com tecido e enchimento, fixando-se três varas, uma em suas costas e duas, em seus pés, para ser manipulada voando e plainando pelo ar.

O personagem do trem de fogo funciona como um cabeção colocado no ator, que o segura através de dois apoios de metal. “Foi feito imitando a frente de um pequeno trem de ferro, construído em madeirite, forrado lateralmente com E.V.A. preto. Colocamos alguns conduítes pontiagudos como se fossem garras na frente e fizemos um buraco redondo também na frente, onde aplicamos uma tela preta para que o manipulador enxergue e não seja visto, bem como adicionamos as duas pequenas lanternas nas laterais da pequena locomotiva para que seus fochos de luz sejam visualizados durante as batalhas contra o herói Tuhu, envolvidos em fumaça. A mesa de leitura do Pai serve para o castigo do menino e como passagem para o mundo da música, contendo em seu tampo uma porta espelhada com dobradiças, por onde o menino atravessa.”

Iluminação

Dario contou que Hernandez de Oliveira, artista plástico e iluminador, pintou os bonecos, adereços e desenhou os detalhes finais do campo visual, onde se

passam as ações do espetáculo. “O espaço central do cenário é neutro, com fundo preto, envolvido pelas fortes paredes de uma fornalha que mostra a frente de uma locomotiva estilizada. A iluminação foi elaborada para salientar sombras, claros e escuros, a partir das ações, para ampliar os planos reais, oníricos e imaginários”, disse Uzam.

“Hernandes também elaborou o desenho da iluminação, criou os corredores de luz e contra-luz, além de iluminação lateral, colocadas no chão, para ambientar o lúdico mundo da música, onde o personagem Tuhu desenvolve aventuras e peripécias. O resultado foi um jogo de luz requintado, que trouxe ao espetáculo climas teatrais e cinematográficos.”

As músicas de *O trenzinho Villa-Lobos*

A obra de Villa-Lobos representa para o desenvolvimento da música erudita no Brasil uma primeira manifestação de grande inventividade, desprovida de dependência criativa em relação à produção artística europeia. Está marcada, em termos estilísticos, por uma instrumentação inventiva e inusitada, determinados modos de ataque na execução das cordas, o uso de ritmos e instrumentos de percussão de origem folclórica e africana, o aproveitamento do material melódico do folclore brasileiro e a incorporação dos cantos de pássaros nativos a esse material.

Nesse começo, sua música extremamente livre, que não se enquadrou em nenhum movimento, ficou por longo tempo desconhecida do público brasileiro e foi duramente atacada pela crítica de seu tempo. Depois, sua obra ficou célebre e virou símbolo nacional.

Quando a Cia. Articularte criou *O trenzinho Villa-Lobos*, em 2001, a estreia ocorreu no Centro Cultural São Paulo, com um trio que tocava ao vivo violão, clarineta e violoncelo. “Era muito bonito e requintado. Realizamos uma ótima temporada, muitas vezes tendo que fazer espetáculo extra, tanto aos sábados como aos domingos”, disse Dario Uzam. Atualmente, a trilha é gravada, mas quatro obras ainda são cantadas ao vivo pelos atores-manipuladores.

Para a escolha da trilha, a Cia. Articularte realizou pesquisa junto com o diretor musical Chico Botosso, que teve a assistência de Mariana Anacleto, para selecionar trechos e momentos musicais de Villa-Lobos. Chico Botosso (músico e professor formado pela Escola de Comunicações e Artes da USP) conta um pouco sobre seu processo de trabalho técnico e musical: “Ao tratar de personalidades brasileiras consagradas, estabelecemos um território por onde irá transitar o repertório e as escolhas. Ao se estabelecer o momento de escolhas, é comum acontecer tentação de escolher canções de apreço ou mais conhecidas. Um dos objetivos é decidir quais opções escolhidas irão fundir música e tema que possam criar um único corpo. O esforço se concentra em fazer essas junções, sem criar caráter ingênuo, ou que possa nos induzir ao óbvio. Entendemos que este seja um meio de fazer o espectador se envolver, sem que a sua percepção seja fragmentada, ou seja, ele pode sentir emoção ouvindo a música, sem mesmo saber de onde ela vem”, conclui Chico Botosso, que é um especialista em Villa-Lobos.

Obras executadas no espetáculo

- As *Bachianas brasileiras* (1930-1945) são uma série de nove peças, escritas para diversas formações instrumentais, que têm como tema comum a mistura de estruturas harmônicas e contrapontísticas características da obra de Johann Sebastian Bach, acrescida de elementos rítmicos e melódicos da música folclórica, regional e popular brasileira. Sua principal característica é a mistura das relações tonais e das fórmulas composicionais barrocas com a instrumentação, a variedade e a cor instrumental moderna.

- A *Bachiana brasileira nº 2* (1930) é organizada em quatro movimentos – o prelúdio, “O Canto do capadócio”; a Ària, “O Canto da nossa terra”; a Dança, “Lembrança do sertão”, e a famosa tocata “O Trenzinho do caipira”. O primeiro e o último movimento ficaram conhecidos popularmente.

- O *Uirapuru* (1917) é um poema sinfônico, realizado a partir de uma fábula indígena amazônica, coletada pelo compositor em viagens pelo interior do Brasil. Narra a transformação de um pássaro - rei do amor - em um homem que recebeu uma flechada no peito, de uma mulher envolvida por seu belo canto. Do ponto de vista orquestral, *Uirapuru* se caracteriza por uma instrumentação inventiva, acrescentando à orquestra instrumentos percussivos de uso popular, como o coco e o reco-reco, e instrumentos inusitados como o violínofone (um violino acoplado a uma trompa). A peça preocupa-se em sonorizar a floresta descrevendo melodicamente o canto do uirapuru, que aparece como primeira exposição do tema, junto a um diálogo orquestral entre os pássaros. Disso segue-se uma permanente transformação do tema, em termos de dinâmicas, timbres, durações e texturas orquestrais, metaforizando a transformação desse pássaro mítico em homem e convergindo, portanto, com a fábula.

Para hipertexto:

- *Cirandas para Piano* (1929) - conjunto de canções tradicionais, executadas ao piano, sem voz, que reúne melodias do folclore brasileiro como material temático, trabalhando-as a partir de técnicas modernas do piano, do mesmo modo como fez Bela Bartók (1881-1845) com a música folclórica do centro e do leste europeu.

Boxe

O carioca Heitor Villa-Lobos (1887-1959) se tornou um dos maiores compositores da música clássica brasileira e mundial ao recriar modinhas, cantatas e temas folclóricos nacionais. Heitor Villa-Lobos participou da Semana da Arte Moderna, em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, ao lado de Tarsila do Amaral e de Candido Portinari.

Especialistas afirmam que Villa-Lobos inaugurou a invenção musical propriamente americana, ao lado de uma geração de músicos, como Charles Ives, que se valeu do artifício da fusão de estruturas significantes de diversos troncos culturais - europeus, brasileiros, africanos - para delinear sua originalidade na música popular urbana e moderna. A obra de Villa-Lobos, que realiza uma espécie de ponte entre o universo tropical-urbano das rodas de choro e uma linguagem mais cosmopolita, experimental e moderna, que passa a dialogar com a vanguarda europeia em vez de depender dela como fonte de pastiche. Villa-Lobos é o principal responsável por inaugurar o experimentalismo no Brasil e, dessa forma, o pensamento musical brasileiro. Em sua primeira fase, que vai de 1912 até os anos 1930, segundo o compositor Gilberto Mendes, já aparecem “procedimentos composicionais politonais e polirrítmicos muito antes de entrar em contato com a música europeia. MENDES, Gilberto. “A Música”, In: AVILA, Affonso (Org.). *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2007. Pág. 130

Repercussão

Em *O Estado de S. Paulo*, 19/11/2001, Karla Dunder destacou a estreia do espetáculo, com música ao vivo, e reproduziu entrevista com Dario Uzam: “Temos interesse em trabalhar com os pilares da cultura brasileira, a primeira foi Tarsila, agora é a vez de contarmos a história do menino Villa-Lobos”. A jornalista destacou também o trabalho da bonequeira Surley Valério.

A *Folha Ribeirão*, de Ribeirão Preto, em 19/7/2001, em matéria intitulada “Bonecos contam história mágica de Villa-Lobos”, noticiou a estreia no SESC São Carlos do espetáculo: “Um musical de teatro de bonecos de corpo inteiro, manipulados, com adaptação da técnica japonesa bunraku, conta as aventuras do menino Heitor, desde suas primeiras peripécias até seu contato com a riqueza dos sons e com a música”.

Em *Recreio on line* (22/06/2001), a peça *O trenzinho Villa-Lobos* foi destaque: “O espetáculo conta desde as primeiras travessuras de Tuhu até ele descobrir uma de suas principais paixões: a música. Estas são algumas das obras tocadas ao vivo durante a peça: *Bachianas, Uirapuru, Quarteto de Cordas, Pequena Suíte, Cirandas e Cirandinhas, Floresta Amazônica e Trenzinho do Caipira*, todas do gênio Villa-Lobos”.

O *Jornal Gazeta do Povo*, em 16/03/2002, noticiou a estreia de *O trenzinho Villa-Lobos*: “O espetáculo conta as aventuras do pequeno Heitor, que entra em contato com um mundo rico e totalmente desconhecido, o que marca para sempre as emoções e sentimentos do futuro gênio brasileiro e universal”.

Em 28/05/2002, a *Folha Online* destacou em “Bonecos mostram vida e obra de Tarsila do Amaral e Villa-Lobos” que “‘O Trenzinho Villa-Lobos’ fala sobre as aventuras do menino Heitor, desde suas primeiras artes e peripécias até o momento em que ele entra em contato com a música”.

Em 4/10/2002, O Centro Cultural São Paulo anunciou a estreia da peça na programação especial para o Dia da Criança.

A *Folha Online*, em 11/11/2003, noticiou: “O compositor Heitor Villa-Lobos será homenageado neste sábado, no Sesc São Caetano, com a apresentação do espetáculo infantil ‘Trenzinho Villa-Lobos’. Acrescentou que a peça fazia parte da programação “O Mundo das Artes”, que homenageia um artista a cada sábado.

O *Jornal da Tarde*, no caderno “SP Variedades”, em 14/2/2003, registrou que a peça se apresentaria no SESC Santo Amaro. “A vida e a obra do compositor Heitor Villa-Lobos representada por meio de teatro de bonecos.”

Na *Folha de S. Paulo*, “Acontece”, em 9/1/2005, Luiza Fecarotta escreveu sob o título “Peças levam crianças de volta aos palcos”: “Uma alternativa é o teatro de bonecos, que chega ousado neste ano. [...] Nesta categoria, o diretor Dario Uzam também merece atenção. Começa o ano com um projeto que mistura oficinas de fantoches e teatro de bonecos com três peças encenadas pela Cia. Articularte”. A jornalista destacou a apresentação de *A cuca fofa de tarsila* e as reestreias de *Portinari pé de mulato* e de *O valente filho da burra*.

Anunciando que *O trenzinho Villa-Lobos* ficaria em cartaz até 27/6/2009, o site www.guiadasemana escreveu que a peça “resgata a musicalidade das crianças, com uma proposta musical de teatro de bonecos manipulados e totalmente articulados”.

Na *Folha de S. Paulo*, na “Ilustrada”, em 3/3/2007, e no *Blog da Folha*, o jornalista Marcelo Coelho destacou: “Está em cartaz um bonito espetáculo de bonecos: é o ‘Trenzinho Villa-Lobos’, da Cia. Articularte.” Comentou: “As músicas de Villa-Lobos foram muito bem escolhidas e arranjadas: o famoso ‘Trenzinho do Caipira’ é cantado pelos próprios manipuladores dos bonecos, num coral lindo e simples”.